

**Linhas de compromisso Européias:
A Criação do dom para amar, dom de amor, dom para cuidar
Fátima, 18-22 de maio de 2011**

A CRIAÇÃO DO DOM PARA AMAR: ABORDAGEM BÍBLICA

Ir. Maria Ko Ha Fong fma

1. Três verbos: trabalhar, contemplar, celebrar

A criação é dom de amor de Deus, deve ser acolhida e partilhada com amor por todos os seres humanos. Como desenvolver e manifestar este amor? Proponho algumas reflexões sobre 3 verbos: trabalhar, contemplar e celebrar (ou festejar).

Trabalhar

Conhecemos a história dos três talhadores de pedra:

Durante a construção de uma catedral medieval, a três talhadores de pedras foi dirigida, por turno, a mesma pergunta: «Que coisa estás fazendo?». «Como vês, estou talhando uma pedra», replicou o primeiro com tom aborrecido. O segundo respondeu: «Ganho de viver para mim e para a minha família». O terceiro disse com alegria: «Estou construindo uma grande catedral!».

Toda pessoa imprime no seu trabalho o selo da sua humanidade, da sua individualidade, da sua espiritualidade. O primeiro tem só a experiência da monotonia do seu trabalho. O segundo encerra tudo no pequeno horizonte do seu interesse. O terceiro é homem criativo, sente-se colaborador de uma obra grandiosa, tem um sentido último que o faz viver em plenitude, e com alegria. O homem realiza a si mesmo com os seus dotes no trabalho, participa da obra criadora do homem e, ao mesmo tempo, exprime o seu amor pela criação, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Trabalhar significa crescer na própria dignidade e humanidade, significa promover o desenvolvimento de toda a humanidade, significa amar a história, amar o mundo, sentir-se solidários com os outros. Sigmund Freud, interrogado uma vez sobre a descrição que teria podido dar de uma pessoa sã psicologicamente, respondeu definindo-a como uma pessoa capaz de trabalhar e de amar. Na realidade, o trabalhar e o amar não são duas coisas totalmente separadas. O trabalho é uma forma da realização e da expressão do amor, e depois o trabalho deve ser feito com amor.

Que o homem deva trabalhar com diligência e honestidade é um dos temas tradicionais da pedagogia sapiencial do Antigo Testamento: «Quem recolhe no verão é um homem prudente, mas quem dorme na colheita é um homem desprezível» (*Pr* 10, 5). Frequentemente o homem é convidado a aprender da natureza a ser laborioso:

Vai ter com a formiga, ó preguiçoso,
observa seu proceder e torna-te sábio!
Ela, que não tem chefe,
nem fiscal nem soberano,
no verão prepara seu alimento,
ajunta no tempo da ceifa sua comida.
Até quando dormirás, ó preguiçoso,
quando te levantarás do sono?
Um pouco dormir, outro pouco cochilar,
e mais um pouco cruzar as mãos para descansar,
e tua pobreza virá pressurosa,
e tua indigência, como um homem convocado às armas (*Pr* 6, 6-11).

Dos ensinamentos de Paulo, recordamos a sua famosa admoestação aos Tessalonicenses: «quem não quer trabalhar também não coma» (2Ts 3, 10). Ele mesmo dá à comunidade o exemplo de um trabalhador tenaz: «Sabeis muito bem como deveis imitar-nos, porque não vivemos entre vós de maneira desordenada. De ninguém recebemos de graça o pão que comemos. Pelo contrário, enfrentamos um trabalho penoso e cansativo, de noite e de dia, para não sermos pesados a nenhum de vós» (5Ts 3, 7-8).

O trabalho na Bíblia é fadiga mas, antes de tudo, cooperação ao plano de Deus, continuação do seu trabalho criador. Através da fadiga do trabalho ama-se a vida. O suor da fronte não esgota o sentido do trabalho, que encontra a sua inspiração mais alta no domínio da terra com amor e no cultivo e guardar a criação (Gn 2, 15). O trabalho é uma vocação, um direito e uma responsabilidade. Feito à imagem do mesmo Deus e posto no centro do universo visível, o homem é «desde o início chamado ao trabalho», isto é sublinhado com força por João Paulo II na sua encíclica *Laborem exercens*.

Entre os Salmos que celebram Deus pela criação, o mais belo é o Salmo 104. Aqui a criação vem apresentada como uma totalidade unida e harmoniosa. Depois de várias cenas da natureza, descrita com vivacidade, o autor passa a observar o pulsar do dia e da noite

Designou a lua para as estações;

o sol conhece o seu ocaso.

Ordenas a escuridão, e faz-se noite,

na qual saem todos os animais da selva.

Os leõezinhos bramam pela presa,

e de Deus buscam o seu sustento.

Nasce o sol e logo se acolhem,

e se deitam nos seus covis.

Então sai o homem à sua obra

e ao seu trabalho, até à tarde.

Ó Senhor, quão variadas são as tuas obras!

Todas as coisas fizeste com sabedoria;

cheia está a terra das tuas riquezas. (Sl 104, 19-24)

Passada a noite, a natureza apresenta-se fresca e renovada. Então sai o homem à sua obra e ao seu trabalho, até à tarde. O homem que trabalha é parte da harmonia. Ele não faz como as feras que bramam pela presa, e de Deus buscam o seu sustento. Ele não encontra já pronto aqui o que

precisa, mas trabalha com fadiga, com inteligência e nobreza, de manhã até a noite, seguindo o ritmo do tempo, ínsito na natureza e também nele.

O trabalho, dimensão fundamental do homem desde o início, é ulteriormente santificado por Cristo, Filho de Deus encarnado. João Paulo II releva: «Aquele *que, sendo Deus*, se tornou semelhante a nós em tudo, ter passado a maior parte dos anos da vida sobre a terra junto a um banco de carpinteiro, dedicando-se *ao trabalho manual*. Esta circunstância constitui por si mesma o mais eloquente òevangelho do trabalho; aí se torna patente que o fundamento para determinar o valor do trabalho humano não é em primeiro lugar o gênero de trabalho que se realiza, mas o fato de aquele que o executa ser uma pessoa» (*Laborem exercens* 6). Ele cresceu no contexto da normalidade da vida familiar, num ambiente simples e laborioso, aquele da pequena aldeia de Nazaré. Ele fala com desenvoltura e sentido prático do trabalho do camponês, do vinheiro, do pescador, do pastor, do mercante, do construtor de casa. Não lhe passa despercebido os pequenos trabalhos domésticos destinados à mulher, como por exemplo levedar a massa e fazer o pão, acender a lâmpada e colocá-la sobre o alqueire, conservar o vinho, remendar a roupa velha. Jesus tem uma atitude de participação serena e aberta de tudo o que é autenticamente humano, inclusive o trabalho e a fadiga que este pode comportar.

O trabalho, porém, pode ser esvaziado de sentido, em vez de fazer crescer o homem, escraviza-o. A Bíblia conhece este perigo. O livro do *Êxodo* descreve assim a situação de escravidão dos Israelitas no Egito. «Portanto puseram sobre eles feitores, para os afligirem com suas cargas. Assim os israelitas edificaram para Faraó cidades armazéns, Pitom e Ramessés. Mas quanto mais os egípcios afligiam o povo de Israel, tanto mais este se multiplicava e se espalhava; de maneira que os egípcios se enfadavam por causa dos filhos de Israel. Por isso os egípcios faziam os filhos de Israel servir com dureza; assim lhes amarguravam a vida com pesados serviços em barro e em tijolos, e com toda sorte de trabalho no campo, enfim com todo o seu serviço, em que os faziam servir com dureza» (*Ex* 1, 11-14). Notamos: o sinal mais evidente da escravidão é precisamente o trabalho forçado, que neste texto vem mencionado bem 3 vezes (*Ex* 1, 11.13.14): um trabalho imposto, destinado a alcançar o máximo resultado sem ter conta das forças, das necessidades e da dignidade da pessoa, um trabalho ordenado não ao bem-estar de quem trabalha, mas de quem obriga a trabalhar. A libertação de Israel do Egito configura-se também como libertação dos trabalhos em escravidão.

Contemplar e celebrar

O homem não se relaciona com a criação só através do trabalho, mas também através da aproximação estética, a imersão recreativa, o gosto artístico etc.: todas experiências indispensáveis para o desenvolvimento integral do homem. A confiança cega no progresso técnico e o afirmar-se de uma mentalidade dirigida só ao proveito e ao consumo enfatizaram o trabalho como único fator relevante para o desenvolvimento. Mas o homem integral não vive só de trabalho, nem só de lógica utilitarista; não vive só de pão e de dinheiro, mas também de flores, de poesias e, naturalmente, da palavra de Deus que se manifesta de mil modos. O homem precisa experimentar a alegria de viver, precisa de festa, de dança, de cantos, de narrações, de oração, de imagens e símbolos, de dom, de gratuidade, do gozo pelas coisas simples e genuínas, de beleza, de contemplação, de estupor, de sonhos, de fantasia. Diz G.K. Chesterton: «O mundo não perecerá certamente por falta de maravilhas, mas antes pela perda da maravilha».

Aos autores da Bíblia não falta a maravilha brotada da contemplação das maravilhas. É suficiente uma breve referência ao Capítulo 43 do livro da *Sirácide* para verificá-lo. Aqui todos os elementos do cosmos fazem um desfile de beleza. O sol surge louvando ao Senhor e fazendo brilhar generosamente os seus raios, a lua aparece e desaparece com ritmo ordenado «sempre pontual nas suas fazes que regula os meses e determina o tempo», os astros que são a beleza do céu, o ornamento esplendente nas alturas do Senhor, «comportam-se segundo as ordens do Santo, não se cansam no seu lugar de sentinelas», o arco-íris é como um arco teso nas mãos de Deus, «Belíssimo

no seu esplendor. Envolve o céu com um círculo de glória». A beleza da natureza refina a alma, faz sagaz o inteligente, estimula ao desabafo dos sentimentos mais nobres, não é difícil, portanto, perceber a comoção do salmista que exclama: «Ó Senhor, nosso Deus, como é glorioso teu nome em toda a terra! Sobre os céus se eleva a tua majestade... Quando olho para o teu céu, obra de tuas mãos, vejo a lua e as estrelas que criaste: que coisa é o homem para dele te lembrares, que é o ser humano, para o visitares?» (Sl 8, 2,4-5). Precisamos da ajuda da criação para conhecer melhor a Deus e para conhecer melhor nós mesmo, precisamos estar em profunda sintonia com a criação para que aquele «muito bom», pronunciado pelo nosso Criador desde o início, possa continuar a ressoar na humanidade de geração em geração.

Precisamos fortalecer a capacidade de maravilhar-nos e de contemplar também para poder-nos inserir melhor no tempo. «Lembramos o passado não só registrando-o, mas revivendo-o, experimentando de novo os seus temores e as suas alegrias. Antecipamos o futuro não só predispondo-o, mas suscitando-o e procurando-o. Os nossos vínculos com o passado e com o futuro são determinados também pelos aspectos estéticos, emotivos e simbólicos da vida humana: a saga, o jogo, a celebração. Sem festividade e fantasia o homem não seria realmente um ser histórico», escreve H. Cox no seu famoso livro *A festa dos foliões*. Como para o nosso físico temos necessidade de movimentos porque senão os músculos atrofiam-se, assim precisamos de movimentos do coração, de ginástica da criatividade e da solidariedade, para evitar o atrofiar-se das nossas faculdades de celebração, de imaginação e de expressão.

Na Bíblia, o ritmo equilibrado entre o trabalho e a contemplação jubilosa, entre o *homo faber* e o *homo ludens* ou *homo festivus* é expressa logo no primeiro capítulo do *Gênesis*. A primeira narração da criação (Gn 1, 1-2,4^a) é articulada segundo um ritmo de trabalho e de repouso. O Deus que cria é um Deus que trabalha e que se repousa. O homem é criado à imagem deste Deus! O homem reproduz o ritmo divino, continua-o. O trabalho do homem que dura seis dias, não o escraviza, mas orienta-o para o sétimo dia, o sábado, quando o homem se repousa, pára-se a contemplar, deter-se com o seu Deus no culto. Para manter o ritmo divino das origens, o sábado assumiu na tradição de Israel a importância de um preceito inscrito em todas as camadas de legislação do Pentateuco. É um preceito singular: não ordena como os outros mandamentos algo de particular para fazer, mas simplesmente de alegrar-se pelo dom recebido.

O sétimo dia é também para Deus um dia de contemplação, de gozo. Escreve João Paulo II na sua Carta apostólica *Dies Domini*: «O repouso divino do sétimo dia não alude a um Deus inativo, mas sublinha a plenitude da realização cumprida e quase exprime a parada de Deus diante da obra muito boa (Gn 1, 31) saída das suas mãos, para dirigir a ela um olhar repleto de jubilosa complacência: um olhar contemplativo, que não mira mais a novas realizações, mas antes a gozar a beleza de quanto foi cumprido; um olhar levado sobre todas as coisas, mas de modo particular sobre o homem, vértice da criação». O autor do Salmo 104, depois de ter descrito a beleza da criação, exclama: «Perdure sempre a glória do Senhor! Alegre-se o Senhor por suas obras!» (Sl 104, 31). Ele imagina Deus como um artista que contempla satisfeito as suas obras artísticas e o seu coração enche-se de alegria.

O sentido da alegria, porém, não se limita ao sétimo dia, ao repouso sabático, mas está presente no coração de Deus também nos outros dias de trabalho, durante a criação. No livro dos *Provérbios* a *Hokmah* (a Sabedoria divina personificada) diz de si que já nos albores da criação: «eu estava ao seu lado como mestre-de-obras; entusiasmando-me, dia após dia, divertindo-me todo o tempo em sua presença, divertindo-me em seu orbe terrestre, entusiasmando-me pelos filhos dos homens» (Pr 8, 30-31). São Gregório Nazianzeno, no IV século, escrevia que «o sublime Logos joga. Com as imagens mais variegadas ele adorna, conforme quer e de toda forma, o cosmos. Sim, este é o jogo divino». Diversos teólogos do século passado falam de um *Deus ludens*, um Deus que joga.

O jogo é uma atividade original, no qual se realiza uma síntese entre a razão e a paixão, entre a gratuidade e as regras, entre a espontaneidade e o seu carácter repetitivo, entre seriedade e divertimento. A atividade lúdica não persegue alguma finalidade colocada fora de si, e todavia resulta, no seu interior, perfeitamente dotada de sentido. Assim como para a criança, quando joga, não existe outra coisa que o seu jogo, poderíamos dizer que o Deus criador apaixonou-se sem

reservas, deixa-se envolver totalmente, pela sua criação. O jogo, depois, é inseparável da festa, um e outro definem-se mediante o conceito de liberdade e de gratuidade, todos os dois fogem das leis habituais da necessidade da busca da eficácia .

A Bíblia tem descrições sugestivas de Deus que cria o universo *õjogandoõ* e *õfestejandoõ*: Ele estende o céu como um toldo (*Sl* 104), faz cair a neve como lã, espalha a geada como cinza, lança o granizo aos punhados (*Sl* 147) põe uma tenda para o sol e o faz sair como o esposo que sai do seu quarto nupcial (*Sl* 19), mede as águas com a cavidade da mão, calcula a extensão dos céus com o palmo, pesa as montanhas com a balança (*Is* 40, 12), fecha entre duas portas o mar parando as ondas com um ferrolho (*Jó* 38, 10), pinta a terra de cores como se fosse um traje, agarra a terra pelos quatro cantos para expelir dela os ímpios (*Jó* 38, 13-14). Particularmente simpática é esta descrição das estrelas: «As estrelas brilham em seus postos e se alegram; ele as chama e elas respondem: *õ*Aqui estamosõ. Brilham, jubilosas, para seu Criador» (*Br* 3, 34-35).

É inegável que assistimos na nossa sociedade, hoje, a uma perda da capacidade de contemplação, do sentido da festa e do jogo, e de consequência uma perda da alegria pura e verdadeira. Paulo VI, na sua carta apostólica *Gaudete in Domino* tem uma límpida descrição a este respeito: «A sociedade técnica teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazeres; no entanto ela encontra dificuldades grandes no engendrar também alegria. Esta, com efeito, provém de outra fonte. A alegria é espiritual. Assim, o dinheiro, o conforto, a higiene e a segurança material, muitas vezes não faltam; e, apesar disso, o tédio, o mau humor e a tristeza, infelizmente continuam a ser a sorte que a muitos cabe. E isto, não raro, chega até ao ponto de tornar-se angústia e desespero, que a aparente ausência de cuidados, o frenesi da felicidade presente e os paraísos artificiais não conseguem eliminar. Será que, acaso, o mundo se sente impotente para dominar o progresso industrial e para planificar de maneira humana a sociedade? Ou será, talvez, o futuro que se apresenta por demais incerto e a vida humana ameaçada? Ou não se trata sobretudo de solidão, de uma sede de amor e de presença não satisfeita, de um vazio mal definido?». Diante desta situação, o papa indica um caminho de saída: «Seria necessário também um paciente esforço de educação para aprender ou então reaprender a saborear simplesmente as múltiplas alegrias humanas que o Criador coloca, já agora, ao longo dos nossos caminhos: alegria exaltante da existência e da vida; alegria do amor honesto e santificado; alegria pacificadora da natureza e do silêncio; alegria, por vezes austera, do trabalho feito com diligência; alegria e satisfação do dever cumprido; alegria transparente da pureza, do serviço e da partilha; alegria exigente do sacrifício etc. O cristão poderá purificá-las, completá-las e sublimá-las: mas ele não haverá nunca de as desdenhar. A alegria cristã supõe uma pessoa capaz de experimentar alegrias naturais. Foi a partir destas, de fato, que muitas vezes Cristo anunciou o Reino de Deus».

A última palavra do papa no trecho citado acima faz vir à mente as belíssimas imagens evangélicas de Jesus que tem nos braços as crianças, que fala dos lírios do campo e dos pássaros do céu, da galinha choca e dos pintinhos, da alegria do pastor que leva para casa a ovelha extraviada e da mulher que encontra a moeda perdida, da festa pelo filho que volta, da satisfação do pescador com a rede cheia de peixes e do camponês que vê crescer o que plantou. Jesus ama fazer festa com os seus amigos, convida os seus discípulos a irem a um lugar apartado para repousarem-se um pouco, aceita convites para núpcias ou banquetes, goza da comida e do vinho. A dimensão da contemplação, da festa, a alegria pelas pequenas coisas do cotidiano não faltam nele. Aliás, ele repreende os seus contemporâneos pela sua insensibilidade e indiferença, a sua frieza e dureza de coração, a sua incapacidade nem de alegrarem-se nem de sofrerem: «Com quem vou comparar esta geração? É parecida com crianças sentadas nas praças, gritando umas para as outras: *õ*Tocamos flautas para vós, e não dançastes. Entoamos cantos de luto e não chorastes!õ. Veio João, que não come nem bebe, e dizem: *õ*Tem o demônioõ. Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizem: *õ*É um comilão e beberrão, amigo dos publicanos e pecadoresõ» (*Mt* 11, 16-19).

2. Três ícones bíblicos

As idéias de reflexão e os impulsos para a ação que a Bíblia oferece-nos sobre o amor pela criação, são muito ricos. Pude coligir só alguma coisa aqui e lá. A estas alturas da minha apresentação, gostaria de pôr diante de vós três ícones bíblicos que não precisam de muito comentário. Foi pedido pela vossa presidente Carolina de dar uma olhada particular sobre a mulher e sobre a contribuição preciosa que a mulher pode oferecer para que a criação seja acolhida sempre mais como dom de amor e dom para amar, este foi o critério que determinou a escolha dos seguintes ícones bíblicos: apresentam todas figuras femininas no Evangelho.

Marta e Maria (Lc 10,38-42)

No contexto da sua pregação itinerante, Jesus e o seu grupo de discípulos encontram descanso e hospitalidade na casa de duas irmãs que se relacionam com Jesus de modo bastante diverso. Marta acha que lhe dá uma bela acolhida com muitos serviços. Maria, ao invés, prefere estar aos seus pés e escutá-lo. Assim a sua figura vem frequentemente contraposta: Marta seria o emblema da vida ativa, Maria da vida contemplativa. Mas talvez não se trata de uma contraposição. São dois modos não exclusivos de acolher Jesus, um mais óbvio, o outro facilmente deixado de lado e sufocado pelo primeiro. Jesus aqui põe a atitude de Maria acima daquela de Marta, releva a importância das dimensões improdutivas: a escuta, a contemplação, a comunhão. Marta põe em movimento as mãos, Maria a mente e o coração.

Marta sente-se tão honrada de ter acolhido o mestre que não sabe mais que coisa fazer-lhe. Gostaria que tudo resultasse perfeito, gostaria de oferecer-lhe o máximo da hospitalidade. Obviamente, está trabalhando para Jesus, trabalha com afinco por ele, mas deixa-se envolver de tal modo pelo que faz que acaba perdendo de vista o *por quem o faz*: a pessoa de Jesus ao qual o seu serviço é dirigido.

Marta perguntava: mas por que a minha irmã não vem a dar-me uma mão? Desde quando entrou o Mestre está ali, agachada aos seus pés, perdida a escutá-lo. É possível que não se dê conta que preciso da sua ajuda? Marta decide intervir. Em vez de dirigir-se à irmã, opta por um caminho que crê mais eficaz, isto é, procurar a aliança do Mestre: «Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda pois que ela venha me ajudar». Mas Jesus não está de acordo com este pedido de ajuda. Ele se dirige à senhora de casa com afeto, mas ao mesmo tempo com firmeza, chamando-a duas vezes pelo nome: «Marta, Marta». Com efeito, Marta está entrando na tentação de auto-compreender-se em função dos serviços a prestar, perdendo a própria verdadeira identidade; «Tu te preocupas e andas agitada com muitas coisas», as *muitas coisas* para fazer causam agitação e preocupação. Ao contrário, Maria reconhece a visita do Senhor. E então suspende os serviços e alegra-se com a sua presença: aquele seu aparente *não fazer*, aquele «estar sentada aos pés» de Jesus como os seus discípulos, coincide com a escolha da «parte melhor», é «o único necessário» que tem a prioridade sobre «muitas coisas» das quais se ocupa e se preocupa Marta.

A casa de Marta não se pode limitar a ser simplesmente a casa de repouso. Pelo fato que está presente o Mestre, ela tem também o papel de escola, de casa de escuta, de casa de contemplação. A festa não está só na mesa bem preparada, atrás da qual talvez escondem-se preocupações, agitações, incompreensões e desarmonia.

É belo pensar que Jesus tenha querido exprimir este ensinamento tão vital e atual através de duas mulheres.

A mulher que unge Jesus com óleo perfumado (Mt 26,6-13)

É um episódio apresentado com muita delicadeza por todos os evangelistas (cf. Mc 14, 3-9; Lc 7, 36-50; Jo 12, 1-8). Jesus encontra-se em viagem para Jerusalém, onde espera-o a traição, a prisão e depois a paixão e a morte. Deste pano de fundo lúgubre emerge luminoso o gesto desta mulher apresentada sem nome e sem nenhuma qualificação.

Silenciosa e discreta, ela entra em cena tendo na mão um frasco de alabastro, não fala, mas faz um gesto: derrama o perfume que, na Escritura, como de resto em toda a simbologia humana comum, é sinal de veneração, de acolhida e de afeto. É a fragrância do amor.

O perfume não é estritamente necessário, é um *ö* mais *ö* que torna bela a vida, é a *ö*superabundância da gratuidade*ö*. A relação entre Deus e o homem coloca-se neste nível do excedente e da superabundância. Deus dialoga com o homem nos largos espaços da beleza e do amor, não na estreiteza dos direitos e dos deveres. Ele repleta as suas criaturas com a sua plenitude (Ef 3, 19), concede-lhes *ö*graça por graça*ö* (Jo 1, 16) e *ö*vida em abundância*ö* (Jo 10, 10).

Jesus quer que os seus discípulos o imitem na grandeza de coração: «dai e vos será dado. Uma medida boa, socada, sacudida e transbordante será colocada na dobra de vossa veste» (Lc 6, 38). Quem tem o coração mesquinho e a mente rígida, que é habituado às relações humanas meramente funcionais, não sabe gozar do perfume e não sabe perceber o amor gratuito. O teólogo Romano Guardini tem esta expressão: «Quem pergunta em cada momento: *ö*para que finalidade*ö*, *ö*para que serve isto ou aquilo*ö* não saberá nunca gozar verdadeiramente e encontrará terrivelmente aborrecido também o paraíso». Neste episódio são os discípulos a não saberem gozar. Com desdém avaliam o gesto a nível material, considerando-o desperdiço. Eles calculam o preço do perfume, mas não sabem perceber o seu valor.

E Jesus como reage? Ele defende a mulher, criticando os seus discípulos: «Por que incomodais esta mulher?». Agrada-lhe o gesto nobre da mulher e elogia-o sem reserva, chama-o *ö*obra bela*ö*. (o texto grego diz *e;rgon kalo.n* === *ö*obra bela*ö*, mesmo se a tradução italiana faz ler *ö*obra boa*ö*). É obra bela porque vem do íntimo da pessoa, porque não é uma efusão do amor, porque inesperada, original, criativa, gratuita, pura, total, livre, sem cálculos, sem medida, sem consideração da opinião dos outros. Definindo o gesto uma obra bela, Jesus presenteia à mulher um dos seus mais belos elogios. Ele não julga a ação com as categorias de *ö*bem ou mal*ö*, *ö*correto ou incorreto*ö*, *ö*conveniente ou inconveniente*ö* etc. Ele vê a sua beleza e fica por ela fascinado. Ele não precisa dizer nada à mulher, entre ele e a mulher há um acordo tácito, um gosto comum pela beleza do dom livre e superabundante.

Jesus encontra o gesto da mulher demasiado belo para ser esquecido e desperdiçado, quer imortalizá-lo na memória dos seus futuros discípulos: «em qualquer parte do mundo onde este evangelho for anunciado, será também contado, em sua memória, o que ela fez». Este gesto belo incorpora-se para sempre à Boa Nova para anunciar a todo o mundo e transmitir de geração em geração. A imagem da mulher com o perfume é uma advertência a toda a humanidade: não vivemos só para satisfazer as necessidades imediatas, vivemos de perfume do amor, de beleza, de profecia e do fascínio do mistério.

Maria em Caná (Jo 2, 1-12)

«Houve um casamento em Caná de Galiléia e a mãe de Jesus estava presente». Maria participa da festa, goza da alegria dos outros. Como em Ain Krem, ela participa da alegria de Zacarias e Isabel pelo nascimento do filho, agora, em Caná, está presente para as núpcias de dois esposos. A festa, já algo de essencial e belíssimo na experiência humana, vem ulteriormente embelecida e santificada pela presença de Jesus e de Maria.

Mas, nesta festa em Caná, há alguma coisa que não funciona, algo que ameaça a alegria dos festejos: o vinho estava terminando. E a primeira a dar-se conta disto é Maria. Maria percebe a necessidade antes e de modo mais penetrante de que todos os outros. Enquanto todos alegram-se comendo e bebendo e gozando de tudo o que há, Maria já vê o que não há. Ela não vê só com os olhos, mas com a inteligência do coração e com a intuição sábia. O dito proverbial do *Pequeno príncipe*: «Não se vê bem senão com o coração; o essencial é invisível aos olhos», pode ser associado neste contexto. Escreve o Cardeal C.M. Martini: «Maria vê o conjunto, tem o *golpe de vista* e entende que coisa de essencial está acontecendo e que coisa de essencial está faltando. Este é o espírito contemplativo de Maria, o seu dom da síntese, a capacidade de atender às coisas particulares».

Maria vê o que há e o que falta. Este discernimento preciso de Maria é comparável àquele de Jesus, na narração sinóptica do jovem rico. À pergunta do jovem: «o que me falta ainda?». Jesus tem a resposta pronta: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuí » (Mt 19, 21). A sabedoria de Maria é coligada ao seu habitual conviver com o divino, à sua capacidade de observar e de «conservar todas as coisas no coração, meditando». Lucas quis sublinhar a atitude reflexiva e sábia de Maria, repetindo esta frase por bem duas vezes (Lc 2, 19.52). O particípio *symbállousa* (ordinariamente traduzido «meditando») indica a capacidade de «colocar juntos», ou seja «põe em confronto». Não se trata de acumular dados fragmentados e desordenados, mas de criar sínteses vitais pondo em confronto os acontecimentos, as palavras, as experiências, as intuições. Trata-se de saber patentear o significado profundo das coisas, saber relevar o sentido dos dados, saber transformar a impressão passageira em experiência incisiva, emoções momentâneas em sentimentos profundos.

Maria é capaz de conservar no coração as «grandes coisas» operadas nela e na história, como no-lo revela o seu canto do *Magnificar*, mas é do mesmo modo capaz de preocupar-se com as coisas simples e pequenas do cotidiano, como a falta do vinho no banquete. É uma mulher com o coração grande e sábia que sabe pôr juntos o ordinário e o extraordinário, que sabe «tirar do seu tesouro coisas novas e coisas velhas» (Mt 13, 52), que sabe coligar o passado com o presente, transformando tudo em semente de futuro.

Ainda hoje Maria lê em profundidade a história humana, individualiza os seus problemas ainda escondidos, recolhe os gemidos não ainda redigidos, percebe o sofrimento ainda sem nome. Ela descobre o nó essencial da confusão e apresenta-o ao Filho, o único que o pode desligar. E, entanto, prepara os servos para a acolhida da ajuda divina, com uma indicação segura. Ainda hoje, Maria fala de nós a Jesus dizendo-lhe «Não têm mais vinho» e a nós de Jesus com o comando: «Fazei o que ele vos dirá».

Também diante da nossa crise ecológica, Maria intervém, indicando-nos o que falta e como devemos fazer para que volte a harmonia em toda a criação, para que o nosso viver juntos com todas as criaturas possa voltar a ser uma festa, prelúdio daquela que celebraremos na pátria celeste.

Conclusão

Gostaria de concluir com a oração que, na Eucaristia, o celebrante recita, apresentando os dons do pão e do vinho ao Senhor: «Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos, e para nós se vai tornar pão da vida».

É uma oração belíssima, que exprime, em síntese, as nossas reflexões sobre o tema no nosso encontro: «A criação: dom de amor, dom para amar, dom para cuidar». A Eucaristia é o momento supremo do dom: dom que é graça doada e dom pelo qual agradecer, é o momento no qual frui o amor de modo mais intenso, um amor que envolve Deus, o homem e a criação. O fruto da terra é o dom da criação, o trabalho do homem é a expressão de amor do homem que, agora unido numa coisa só, vem apresentado ao Pai, para que seja transformado num dom maior, o dom de Jesus Cristo, de novo entregue a nós e a toda a criação. Ao ó muito bomö que Deus pronunciou na criação, o homem responde em Cristo e junto com toda a criação: öbrigadoö!